

# A CULTURA MATERIAL NA CONSTRUÇÃO DO QUOTIDIANO DA IDADE MODERNA

---

**INÊS PINTO COELHO** Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia, Centro de História d’Aquém e d’Além-Mar, FCSH/UNL-UAc, [inespintocoelho@fcsch.unl.pt](mailto:inespintocoelho@fcsch.unl.pt)

**RICARDO COSTEIRA DA SILVA** Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património-UC, [ricardo\\_silva78@hotmail.com](mailto:ricardo_silva78@hotmail.com)

---

A Idade Moderna marcou uma época de mudanças na história da civilização europeia. A repercussão da expansão marítima na vida quotidiana, nas viagens, nas longas estadias em terras distantes, no contacto com outros povos e culturas e na afluência de bens exógenos originaram novos costumes, que influenciaram e transformaram para sempre o modo de vida das sociedades. Assistiu-se então à primeira globalização, um processo no qual os reinos ibéricos tiveram um papel de destaque. O contacto com novas sociedades e a massificação de circulação e intercâmbio de produtos e bens no espaço ultramarino promoveu, complexificando, a interacção económica, social, política e ideológica.

A investigação arqueológica centrada na Idade Moderna é uma realidade recente e ainda pouco consolidada, quer ao nível da regularidade de estudos e publicações, quer ao nível da reflexão, conceptualização e síntese dos conhecimentos disponíveis. Este período cronológico, entendido como a fronteira com a contemporaneidade que, por sistema, se exclui do objecto da clássica definição arqueológica, tem vindo a despertar a atenção e o interesse crescente de uma nova geração de arqueólogos. A Arqueologia da Idade Moderna merece, pois, uma reflexão colectiva, dado o carácter universal do próprio processo, reclamando o seu legítimo espaço no seio do debate histórico-arqueológico.

O estudo da cultura material em arqueologia constitui um elemento determinante na atribuição de cronologias e na caracterização de sítios arqueológicos e seus ocupantes. Estes estudos podem indiciar contactos económicos, rotas comerciais ou intercâmbios culturais. Eles podem constituir evidências de utilização de espaços e, simultaneamente, reflectir o estatuto social e o género dos seus antigos proprietários, reflectindo as suas actividades quotidianas. Atendendo à problemática geral das JIA 2015 – *Entre ciência e cultura: da interdisciplinaridade à transversalidade da arqueologia* esta sessão teve como objectivo reunir em debate investigadores que apresentassem trabalhos centrados cronologicamente na Idade Moderna, encorajando-se os estudos que, adoptando uma perspectiva holística, recorressem ao contributo de outros campos disciplinares e, assim, complementassem a materialidade do registo arqueológico, ele próprio exigente no domínio do cruzamento de saberes.

Face às muito diversas, complexas e multicénicas facetas que pode assumir a investigação arqueológica pós-medieval não se restringiram as temáticas, procurando-se aproximações que cruzassem os conhecimentos obtidos tanto nos núcleos urbanos como nos meios rurais ou marítimos, em contextos europeus ou ultramarinos.

Neste sentido, julgamos que o conjunto de textos reunidos cumpre os objectivos inicialmente propostos, pela interdisciplinaridade, multidisciplinaridade e transversalidade dos conteúdos versados. Será, no entanto, de assinalar a expressão das temáticas centradas no estudo da cultura material, quer ao nível da caracterização isolada de determinadas produções (nomeadamente da cerâmica), quer como elemento para a reconstituição de quotidianos ou aspectos socioculturais e ideológicos. No primeiro plano de análise, refira-se a proposta de catalogação da faiança portuguesa no Brasil apresentada por João Pedro Gomes e Sílvia Alves Peixoto, o estudo de Filipe Oliveira e Sónia Brochado dedicado às produções cerâmicas manuais do século XVIII e o texto de Cristina Gonzalez, Gonçalo Lopes e João Romão sobre um achado numismático exumado em Santarém. De âmbito mais alargado, cruzando a análise dos contextos com os vestígios materiais, destacam-se os estudos referentes ao Hospital Real de Todos-os-Santos e ao Forte de São Paulo, ambos em Lisboa, de André Bargão e Sara Ferreira. A sessão foi ainda marcada pela abordagem a matérias tão diversas como a sexualidade e a cultura material nas ilhas Marianas no início da colonização espanhola a partir da análise da conversão das antigas *i manggumma’ uritao* em colégios normativos jesuíticos, por Enrique Moral de Eusebio. Finalmente, Ricardo Mendonça indaga sobre as recuperações materiais da herança clássica na arte dos séculos XVIII e XIX.

Como se constata, a par da pluralidade temática, fica patente a abrangência geográfica dos trabalhos apresentados, pois apesar de maioritariamente centrados no território português não se excluiu do debate a área ultramarina, quer atlântica (Brasil) quer do Pacífico ocidental (Ilhas Marianas).

A riqueza de todos estes elementos tornou esta sessão fértil em discussão que, não obstante, será difícil verter por completo nos artigos agora publicados, ora por não ser possível resumir em texto ora por não reunir a totalidade destas participações. Espera-se que este possa ser mais um contributo no esforço de superação do actual estágio deficitário da Arqueologia da Idade Moderna.